

Contribuições historiográficas de Douglas Apprato ao Pensamento Comunicacional Alagoano

José Marques de MELO¹

Resumo: Mapear as explorações cognitivas de Douglas Apprato no campo da comunicação é o pretexto destas anotações críticas que se destinam a evidenciar as contribuições do historiador ao Pensamento Comunicacional Alagoano.

Palavras-chave: Pensamento Comunicacional; Interdisciplinaridade; História; Alagoas; Douglas Apprato

Resumen: Apuntes críticos destinados a diseñar la cartografía de las intervenciones del historiador Douglas Apprato en el campo de la comunicación, particularmente sus aportes al Pensamiento Comunicacional Alagoano.

Palabras-clave: Pensamiento Comunicacional; Interdisciplinaridad; Historia; Alagoas.; Douglas Apprato

Mapa cognitivo

A produção de uma cartografia do pensamento alagoano no campo da comunicação representou o principal desafio lançado aos colegas da UFAL na alocução proferida durante a cerimônia em que me foi feita a outorga do diploma de Doutor Honoris Causa.

Ao esboçar este roteiro intelectual (...) minha intenção não é outra senão... (...) suscitar, neste início do

¹ Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, Brasil, onde é diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação. Preside o Conselho Curador da INTERCOM. Doutor e livre-docente em Ciências da Comunicação - Jornalismo pela Universidade de São Paulo, Brasil, publicou meia centena de livros e coletâneas e mais de uma centena de artigos em periódicos científicos do país e do exterior. E-mail: marquesmelo@uol.com.br

século XXI, incursões investigativas comprometidas com a preservação e renovação do pensamento forjado por aqueles que ousaram plantar sementes, ... gerando árvores {cujos frutos} agora podemos colher e saborear. (Marques de Melo, 2003, p. 26)

Para tanto, identifiquei os dois segmentos que produziram “conhecimento comunicacional relevante”: a corrente telúrica (integrada pelos que permaneceram na terra) e a diáspora caeté (constituída por intelectuais que migraram, embora preservando os laços nativos).

O locus natural do primeiro grupo foi a instituição alagoana que precedeu organicamente a universidade na geração e difusão de conhecimentos humanísticos: o Instituto Histórico e Geográfico Alagoano - IHGA. Ali a comunicação, particularmente impressa, tem merecido atenção especial como objeto de estudo.

Dentre os integrantes dessa corrente, cujo pioneiro foi Dias Cabral, pilar de sustentação intelectual da entidade, o “último moicano” parecia ser Medeiros de Sant’Anna, que se destacou como historiador da imprensa alagoana, mesmo tendo um pé já plantado na universidade.

Equivoquei-me quando, naquela conjuntura, minimizava o papel do IHGA, superdimensionando o protagonismo do Departamento de Comunicação Social da UFAL. Embora essa unidade se tivesse convertido gradativamente em espaço privilegiado de “produção do conhecimento comunicacional alagoano”, sua atuação não inibiu outros departamentos da universidade para incursionar no território comunicacional.

É justamente no cruzamento das fronteiras interdisciplinares, focalizando os meios e as mensagens, que outros cientistas das humanidades continuam brindando o pensamento comunicacional com aportes significativos, dentro ou fora do IHGA.

No conjunto desses cientistas sociais perfila com desenvoltura o historiador Douglas Apprato, que vem oferecendo contribuições importantes ao estudo dos fenômenos da comunicação na sociedade alagoana contemporânea.

Ele pertence ao grupo que transita entre o campus e a sociedade, apreendendo situações e compreendendo personagens da vida cotidiana que os acadêmicos típicos desdenham, ignoram ou só percebem tardiamente. Além de Apprato, pertencem a essa “geração híbri-

da” intelectuais telúricos como Luis Sávio de Almeida, Enaura Quixabeira, Edilma Bonfim, Antonio Sapucaia, Rossana Gaia, ou integrantes da “diáspora caeté” como Luitgarde Cavalcante Barros, Luis Gutenberg, José Geraldo Wanderley Marques, Marcello Ricardo ou Marcelo Bulhões.

A intenção deste artigo é simplesmente mapear as contribuições singulares de Douglas Apprato, na expectativa de motivar os jovens pesquisadores a fazer a cartografia interpretativa dessa geração que vem atuando no espaço comunicacional alagoano, nas três últimas décadas.

História de vida

Douglas Apprato Tenório nasceu em São Miguel dos Campos, no dia 1 de janeiro de 1945. Ali estudou o primeiro grau, transferindo-se para Maceió, afim de completar sua formação secundária no Colégio Guido Fontgalland e depois ingressar na Universidade Federal de Alagoas, onde se diplomou em História. A pós-graduação foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco, onde obteve os títulos de Mestre e Doutor em História.

Data de sua temporada pernambucana o interesse pelos fenômenos comunicacionais, seja no âmbito da comunicação cultural (imprensa), seja no domínio da comunicação espacial (ferrovias).

Sua carreira acadêmica foi desenvolvida na UFAL, onde galgou os postos mais elevados na escala docente como Professor de História do Brasil e no plano da gestão pública como diretor de instituto e secretário de Estado.

Obteve reconhecimento intelectual, ocupando cadeiras vitalícias na Academia Alagoana de Letras e no Instituto Histórico de Alagoas, entre outras distinções. Autor de obra consistente e valorizada pela comunidade acadêmica, publicou dezenas de livros e de artigos em periódicos nacionais e estrangeiros.

Aposentando-se no serviço público, foi chamado a dirigir pedagogicamente a mais importante universidade comunitária do Estado, CESMAC – Centro Universitário de Maceió, onde ocupa cargo estratégico, promovendo atividades de interação permanente com a sociedade.

Sua bibliografia é composta por inúmeros títulos, dos quais são importantes o livro-reportagem, *A tragédia do populismo* (Maceió, Edufal, 1995) e os ensaios sobre *Capitalismo e Ferrovias no Brasil* (Curitiba, HD Livros, 1996), *Metamorfose das oligarquias* (Curitiba, HD Livros, 1997). Também vale a pena incluir o album-memória *Redescobrimo a Cartofilia Alagoana* (Recife, Massangana, 2008), escrito em parceria com Carmen Lúcia Dantas.

Uma lista exaustiva de seus livros e artigos publicados em revistas pode ser consultada no ABC das Alagoas, tomo I, p. 81-83, de autoria de Francisco Reinaldo Amorim de Barros (Brasília, Senado Federal, 2005).

Além de publicar artigos de divulgação na imprensa alagoana – *Revista Mocidade*, *Jornal de Alagoas*, *Diário de Alagoas*, *Jornal de Hoje* e *Correio de Maceió*, Douglas Apprato coordenou algumas séries históricas que repercutiram intensamente em Alagoas, com o apoio da *Gazeta de Alagoas*, onde foram inseridos os fascículos respectivos. As mais recentes foram intituladas *Enciclopédia Municípios de Alagoas* (2006) e *Memória Cultural de Alagoas* (2001). A primeira inventariou o passado e o presente de todos os municípios integrantes das 16 micro-regiões geopolíticas de Alagoas. A segunda focalizou as trajetórias de 25 intelectuais alagoanos que se projetaram na cultura brasileira. Elas foram precedidas pelo documentário *Memória Legislativa*, também encartado semanalmente no jornal das Organizações Arnon de Mello, em 1999, contendo os perfis biográficos de parlamentares emblemáticos do nosso Estado.

Perfil intelectual

Desde a juventude, Douglas Apprato cultivava um perfil híbrido: o de historiador que comunica. Esse traço peculiar logo foi percebido pelo Cônego Teófanés de Barros, seu primeiro incentivador acadêmico, razão pela qual o conduziu precocemente ao magistério. Acompanhando seu percurso estudantil, do ginásio à universidade, o diretor do Colégio Guido de Fontgalland anotou no prefácio ao seu livro de estréia: “No magistério sabe incentivar, sabe estimular, interessar a juventude que lhe é confiada” (Barros, 1968, p. 5).

Hibridismo que está patente na composição da sua obra impressa. Classificando-a de acordo com as categorias propostas por Antonio Pasquali (1978, p.185-

204), logo percebemos que o esquema não é suficiente para abarcar o seu conjunto, demandando ampliação e sub-divisão, como apresentado a seguir.

1. Disseminação (comunicação culta ou erudita)
 - 1.1. Inter pares – artigos em periódicos
 - 1.2. Extra pares - livros
2. Difusão (comunicação pública ou simplificada)
 - 2.1. Intensiva – didática (séries de livros e fascículos)
 - 2.2. Extensiva - popular (calendários, cadernos)
3. Divulgação (comunicação massiva ou vulgarizada)
 - 3.1. Orientada - jornalística
 - 3.2. Simplificada - quadrinizada
4. Promoção (comunicação dirigida ou qualificada)
 - 4.1. Acadêmica – conferências, palestras ou similares
 - 4.2. Administrativa – discursos, pareceres e justificativas

Analisando a produção impressa de Douglas Apprato, segundo esse sistema vamos observar o perfil de um autêntico comunicador acadêmico, perfazendo as seguintes etapas: divulgador científico, difusor pedagógico, disseminador historiográfico e promotor cultural – cronologicamente encadeadas:

1967 – Divulgador científico – seu primeiro livro é composto por artigos de jornais e revistas, onde foca temas históricos de modo compreensível pelas pessoas de mediano grau escolar. Essa virtude “de escrever para a imprensa sobre assuntos sérios... (...) ... com admirável maturidade” é assinalada pelo prefaciador de *Capítulos da História Contemporânea* (Barros, 1968, p. 6). Trata-se de uma atividade de “divulgação orientada” que ele exerceria ininterruptamente na imprensa de Maceió, até os dias de hoje. Mais adiante, avançaria em projetos de “divulgação simplificada”, quadrinizando as *Histórias de Alagoas* (2001) e *Maceió* (2003), além de narrar histórias de vida de alagoanos emblemáticos – intelectuais, parlamentares, lideranças femininas – através de encartes

distribuídos nas edições dominicais de jornais de prestígio estadual.

1975 - Difusor pedagógico – no segundo livro publicado, reúne “capítulos da História do Brasil”, oferecendo pistas para os professores do secundário animarem suas aulas, dimensionando o panorama histórico nacional a partir de uma ótica alagoana. Os ciclos, os acontecimentos, as efemérides tratadas buscam ancorar-se na estratégia de valorização da identidade caeté. Contudo, sua atuação como divulgador ganharia amplitude, ao publicar anualmente dois produtos históricos. No âmbito da “difusão extensiva”, lançaria a série de “Calendários Culturais da Fapeal”; posteriormente lapidados para gerar “livros de arte” ou “álbums históricos”, expressões típicas de “divulgação intensiva”.

1976 - Disseminador historiográfico – esse papel ele realiza tanto no patamar inter pares, publicando a monografia sobre “a imprensa alagoana no ocaso do império” (1976) e vários artigos em periódicos científicos, quanto no plano extra pares, transformando em livros de circulação nacional suas teses de mestrado – a propósito das ferrovias no contexto do capitalismo brasileiro – e de doutorado – sobre a metamorfose das oligarquias alagoanas.

1984 – Promotor cultural – trata-se de uma face do gestor público que administra com transparência, como bem o demonstra no livreto *O desafio do fazer*, uma espécie de prestação de contas das suas iniciativas como secretário estadual de educação e cultura. Mas não fica apenas na seara da “promoção administrativa”, descontinando o território da “promoção acadêmica”, ao documentar sua ascensão ao olimpo cultural de Alagoas, socializando os discursos que marcam o ingresso no Instituto Histórico e na Academia de Letras das Alagoas.

Tem sido impressionante sua capacidade de exercício simultâneo de vários papéis, como, por exemplo, ocorreu em 2010. Apprato atuou como difusor extensivo, publicando o calendário *Pierre Verger* (com apoio da Fapeal) e como difusor intensivo, editando dois livros de arte: *Alagoas de Pierre Verger* (com apoio da CHESF) e *Rio São Francisco*, um ninho de culturas (apoiado pelo SEBRAE). Perfilou ainda como promotor

acadêmico, incentivando a reedição do livro de Humberto Bastos sobre a economia do açúcar e do algodão em Alagoas, numa parceria CESMAC - Federação das Indústrias de Alagoas.

Trabalhando em dupla ou em equipe, o historiador tem demonstrado capacidade de gestão editorial, contando com a participação de colegas como Carmen Lúcia Dantas, Leda Almeida ou de desenhistas com a tarimba de Enio Lins ou o potencial de Tiago Amaral.

Projeção jornalística

A condição de pensador social, ancorado no universo historiográfico, abriu as portas do jornalismo a Douglas Apprato. Evidência disso é o acervo de recortes de jornais preservado pelo CESMAC – Centro de Estudos Superiores de Maceió – sobre a sua carreira.

Colhendo uma amostra aleatória dessas Unidades de Informação, segundo o padrão textual estabelecido por Violette Morin (1961, p. 81-103), realizamos uma análise comparativa para identificar seu perfil hemerográfico. Para tanto, aplicamos a “fórmula da notícia” testada por Luiz Beltrão (2006, p. 96-99), a partir das categorias instituídas por Quintiliano: 3Q + CO + PQ. Decompondo a equação, chegamos aos elementos constitutivos do processo informativo: QUE – QUEM – QUANDO – COMO – ONDE – POR QUE.

Integrada por 136 UI, a amostra oriunda do Acervo Apratto-Cesmac está assim radiografada:

QUE = Ação ou notícia (13%)

Douglas ganha espaço na agenda jornalística alagoana quando seus principais livros conquistam o status de best seller. Em 1996, *A tragédia do populismo* (...) figura na top list de autores alagoanos mais vendidos na Livraria Caetés, segundo a pesquisa semanal do jornal *Gazeta de Alagoas*. A seguir, seus livros anteriores – *Capitalismo e Ferrovias no Brasil* (...) e *A metamorfose das oligarquias* (...) motivam reportagens nos cadernos culturais dos jornais concorrentes.

Na passagem do século, o foco do noticiário é o projeto *Memória Cultural*, abrangendo inicialmente a memória dos intelectuais e as memórias femininas. Em 2001, ele ganha notoriedade integrando a equipe de colu-

nistas de *O Jornal*, revezando-se com outros intelectuais e políticos.

Na sequência, o historiador é pautado pelos repórteres que cobrem acontecimentos de relevo local: a exposição sobre a trajetória da imprensa alagoana que ele organiza em parceria com Leda Almeida, inaugurando o Museu da Imprensa de Alagoas; o relançamento do livro *História de Alagoas em Quadrinhos*; a organização de “papos-cabeça” no Ponto Central Livraria e Café; a pesquisa sobre os antigos engenhos; a conferência sobre a emancipação política de Alagoas, etc.

QUEM = Agente ou personagem (12%)

Desde a publicação de sua pesquisa sobre a “imprensa alagoana no ocaso do Segundo Império”, Douglas Apprato tem sido privilegiado como autor, sendo lido e comentado pela crítica. Um dos seus primeiros exegetas é o historiador pernambucano Potiguar Mattos, que o situa na linhagem encabeçada por Gilberto Freyre, aquilatando o valor histórico da imprensa como fonte de pesquisa.

Contrariando a profecia de que “santo de casa não faz milagre”, Douglas catalisa a atenção de vários conterrâneos ilustres que reconhecem e louvam seus méritos acadêmicos. José Maria Tenório exalta sua produtividade, chamando-o de “historiador operário”; Rodrigues Gouveia destaca sua competência historiográfica, refletida na profundidade da obra publicada; Gilberto de Macedo focaliza sua capacidade de demonstração da “lógica dos acontecimentos”, incitando à reflexão e ao questionamento; Bráulio Leite Junior complementa essa idéia, dizendo que o autor constrói uma “trilha sinalizada”, onde o leitor vai “redescobrimo acontecimentos” assimilados de modo fragmentado ou disperso; Sidney Wanderley identifica sua erudição e ao mesmo tempo sua ironia, resultando uma escrita que tem “saber e sabor”; Enio Lins valoriza seu potencial crítico, escancarando as entranhas do poder que as elites alagoanas não hesitam em exercer para nele se perpetuar.

Mas sua projeção intelectual também ganha intensidade através de projetos culturais que Douglas vem pilotando, como por exemplo a “série de fascículos sobre as mulheres alagoanas que fizeram História” (*Gazeta de Alagoas*, 24-08-2001) e a fundação de uma livraria-café, inspirada em iniciativa histórica vocacionada para reviver

“hábitos intelectuais perdidos ao longo dos anos” (Luiz Nogueira, Beau Geste, Gazeta de Alagoas, 09-04-2000).

QUANDO = Tempo ou cronologia (6 %)

De tal modo se consolidou o prestígio intelectual de Douglas Apprato que ele se tornou uma das fontes de referência mais consultadas pela imprensa local, em busca de elucidar acontecimentos da cronologia histórica.

Três exemplos ilustram suficientemente a sua faceta como fonte de referência temporal:

Efemérides alagoanas – Douglas resume essa potencialidade na seguinte declaração ao repórter Jorge Segundo: “Temos vocação para a notícia desde o Descobrimento. (...) Com Américo Vespúcio entrando na Barra de São Miguel até recentemente com a eleição de Fernando Collor – o primeiro presidente, eleito pelo voto popular, depois do longo jejum democrático”. Seu arremate é convincente: “Desde a incursão exploradora de 1501 nunca deixamos de ser notícia. Pioneirismo da colonização, com os engenhos de açúcar, a resistência heróica dos Caetés que lutaram até o fim contra a apropriação de sua terra pelos estrangeiros (...), o banquete antropofágico do Bispo Sardinha (...), o papel histórico de Calabar... (...) Alagoas ficou na berlinda também como a terra de Zumbi dos Palmares, símbolo da luta contra a escravidão... (...) e na campanha republicana. República, aliás, que teve no seu proclamador e no seu consolidador, dois soldados alagoanos, Deodoro e Floriano.” (Gazeta de Alagoas, 21-04-2002)

Acontecimentos nacionais – Reportagem de O Jornal (24-03-2002) sobre os 80 anos de fundação do Partido Comunista do Brasil – PCdoB – comprova a disponibilidade do historiador Douglas Apprato para atuar como fonte credenciada. Eis a síntese da sua compreensão do papel histórico desse partido na vida política nacional: “Uma história de ideais, ação, resistência, vitórias, derrotas, mas nunca de passividade e omissão”.

Fatos sazonais – As eleições municipais de 2004 representam uma excelente oportunidade para confirmar o desempenho de Douglas Apprato como fonte de episódios que dominam a pauta jornalística de acordo com o calendário eleitoral. O pleito convocado para eleger o 36°. Prefeito da cidade de Maceió contou, o tempo todo, com sua participação, fazendo prognósticos sobre as ten-

dências do processo eleitoral, estribado em informações pinçadas no seu baú cognitivo, mas atento a eventuais “fatores-surpresa”. (Tribuna, 22-8-2004)

COMO = Modo ou interpretação (20%)

Temos aqui a expressão do professor, explicando aos leitores o significado dos acontecimentos, a partir do referencial que faz parte da sua bagagem cognitiva. Douglas Apprato exerce essa função, recorrendo ao formato do jornalismo opinativo, denominado “artigo”.

Tais matérias são determinadas pela agenda jornalística, cabendo ao autor o papel de educação suplementar, ou seja, explicando a natureza histórica dos fatos e seus desdobramentos contemporâneos.

A amostra pesquisada inclui desde questões metodológicas do tipo - a “história oral” pertence ao domínio da História ou do Jornalismo? ou em que sentido Alagoas configura uma “vocação” permanente para a “notícia” ?- e conceituais – o ciclo Góis Monteiro representa uma vertente do poder oligárquico ? Octávio Brandão foi um líder anarquista ou comunista ? -, mas na verdade concentra-se na elucidação de episódios ou situações que conquistam espaço nas páginas dos jornais diários.

Douglas explica fundamentalmente como tais fatos, apurados pela reportagem e transformados em unidades do jornalismo informativo, devem ser entendidos pelos cidadãos, de modo a fortalecer a “identidade alagoana”. Por isso, não é incomum que seus textos reafirmem a pergunta certamente concebida, mas não explicitada pelos leitores – “existe uma cultura alagoana”? O historiador dimensiona essa cultura como artefato embasado na tradição erudita da sociedade (valorizando instituições como a Academia Alagoana de Letras e o Instituto Histórico de Alagoas ou a literatura de Graciliano Ramos), sem excluir as manifestações do “folclore” como expressões da “cultura popular” (Natal, Carnaval e outras modalidades de folkcomunicação).

ONDE = Lugar ou espaço (9%)

Assumindo o lugar que conquistou por mérito no espaço acadêmico, Douglas Apprato não hesita em assumir o papel de “historiador” da sociedade alagoana. Em decorrência, vem concedendo “entrevistas”

aos repórteres que o assediam para saber se “os jornais vão desaparecer” ou para ficar convencidos da ação do “marechal de ferro”, Floriano Peixoto, consolidador da República. Tema recorrente é sempre o da emancipação política de Alagoas, que ele pacientemente troca em miúdos, instruindo os jornalistas, e por tabela os leitores potenciais, sobre a “vitória do ideal libertário” que respaldou a nossa demanda ao Rei D. João VI, no sentido de conquistar autonomia do espaço político pernambucano. Embora tal demanda unisse conservadores e liberais, Alagoas sempre teve vanguardas que agiram no “adiantado da hora”, entre elas Calabar, Tavares Bastos e o próprio Octávio Brandão. Tampouco podemos esquecer aqueles que somando ideologicamente com a corrente conservadora, não titubearam, em momentos cruciais, corrigindo seu comportamento público, como foi o caso de Teotônio Vilela, o político que passou à História da democracia conhecido como menestrel” das Alagoas.

Sempre que as redações pautam temas dessa natureza, as notícias e as reportagens aparecem complementadas por sugestivas entrevistas de Douglas Apprato, situando os leitores no contexto histórico.

POR QUE = Motivo ou explicação (39%)

Nesta seara, identificamos a proximidade que Douglas Apprato sempre manteve com a imprensa. Ele age como mestre-escola, pondo os pingos nos iis ou debulhando os fatos, antecipando-se portanto a eventuais convocações das empresas jornalísticas para dar entrevistas ou proceder como fonte historiográfica.

A simbiose entre o professor e o jornalista opera-se nessa sua disponibilidade para “comentar” os acontecimentos que vão galvanizar as manchetes das edições cotidianas. Pelo menos 4 de cada 10 unidades de informação analisadas sinalizam em direção ao Douglas comentarista, fazendo jus ao espaço que lhe reserva O Jornal, justificando naturalmente sua requisição para comparecer aos microfones das emissoras de rádio ou aparecer na telinha da TV.

Tais matérias demonstram sua erudição, polivalência e comunicabilidade, tratando de temas politicamente tão palpitantes como “terrorismo”, “caudilhismo”, “populismo”, “municipalismo” ou assuntos que tomam feições dramáticas, como “enchentes”, “desmatamento”, “inflação”, “desemprego”.

Mas seu leitmotiv conota uma forte identidade nordestina e uma irresistível paixão alagoana, quando comenta fatos controvertidos como a transposição das águas de São Francisco e os investimentos públicos no setor educativo ou discorre sobre assuntos prosaicos como as delícias da tapioca.

Pensamento comunicacional

A parceria constitui fator emblemático na trajetória intelectual de Douglas Apprato. Uma de suas primeiras experiências investigativas foi a repartição de tarefas que propôs ao colega de mestrado, Pedro Teixeira, quando desafiados pelo mestre Armando Souto Maior a inventariar os vestígios da imprensa alagoana do fim do século XIX nos arquivos públicos pernambucanos. Eles apresentaram em dupla o trabalho na sala de aula, optando Douglas por converter sua parte da pesquisa em livro que circulou na academia em 1977.

É justamente nessa obra da mocidade que Douglas esboça seu pensamento comunicacional, vislumbrando o desenvolvimento da imprensa alagoana como parte integrante de uma conjuntura bafejada pelos “ventos da modernização” do Estado de Alagoas.

Diferente da maioria dos pensadores nacionais, que desenvolveram idéias fragmentadas, Douglas Apprato mostra-se propenso a pensar holisticamente os fenômenos comunicacionais, não estabelecendo fronteiras entre as comunicações espaciais (transportes) e as comunicações culturais (mídia).

Reconstituindo o “surto de melhoramentos”, que ocorreu em Maceió e em cidades do interior, ele não perde de perspectiva as redes de locomoção urbana e as vias de comunicação intermunicipais e interestaduais (estradas de rodagem, portos, ferrovias, etc.) como elementos da infra-estrutura providencial para o transporte de mercadorias, pessoas, notícias e idéias).

Nesse sentido é que Apprato concebe a imprensa não apenas como “fonte histórica”, mas como instituição dinamizadora do progresso local, alavancado pelas suas vanguardas culturais.

A espantosa proliferação de jornais se estende por todo o interior alagoano (...) caracteriza a modernização da economia. (...) Os jovens das pequenas cidades procuravam mostrar, nos jornais, a poten-

cialidade de seus talentos e, granjear, desta maneira, simpatia e prestígio. (Apprato, 1996, p. 98-99).

O desafio de resgatar a explicitação do seu pensamento comunicacional pressupõe um recorte na sua prolífica historiografia. Por isso mesmo, vou me limitar a um segmento específico, ou seja, o bloco de livros em que faz disseminação científica, dialogando extra-pares.

Trata-se de uma amostra constituída por três obras: *Capitalismo e Ferrovias no Brasil* (1979), *A tragédia do populismo* (1993) e *Matamorfose das Oligarquias* (1997), aos quais vou me referir, no correr desta análise exploratória, respectivamente, de modo abreviado: “Ferrovias”, “Populismo” e “Oligarquias”.

É justamente em “Ferrovias” que Douglas mostra a natureza holística da sua compreensão do fenômeno da comunicação, embora privilegie a visão infra-estrutural, reservando aos demais a ênfase para os fatores super-estruturais.

Em “Ferrovias” o fenômeno social da comunicação recebe tratamento substantivo, catalisando o foco de metade dos capítulos, sendo que em 5 o autor conceitua, problematiza e argumenta a propósito das “comunicações físicas” (os caminhos de ferro em Alagoas, Nordeste, Brasil e Inglaterra), deixando apenas 1 para apreender o sentido das “comunicações culturais” (a imprensa como fonte histórica).

Sua tese é a de que as ferrovias cumpriram papel decisivo na dinamização de economias dependentes e autárquicas, conduzindo aos portos marítimos as mercadorias produzidas no interior do país e ao mesmo tempo transportando produtos culturais gerados além mar para abastecer a mídia nacional ou então para difundir a cultura de massa junto aos consumidores potenciais.

Essa dupla face é reconhecida pelo autor, que assim indica a essência do referido livro. “Uma visão panorâmica da região nordestina, seus problemas de transportes e a inserção de Alagoas no quadro da realidade brasileira da época....(...) e o registro das lutas (...) para alcançar esse objetivo, feito pela imprensa local”. (Apprato, 1993, p. 8).

Nas duas obras posteriores, a comunicação figura secundariamente, sendo incluída como fator adjetivo e elemento complementar da sociedade alagoana, no apagar das luzes do século XIX e durante todo o século

XX. No bojo dessas mudanças estão os aparatos midiáticos.

Ao longo desse período (...) é visível o aceleramento das modificações que surgem no cenário alagoano, na sua economia, na política, na cultura, nas relações sociais, na urbanização, nas estradas, nas comunicações, na educação, nas novas formas de lazer, com a manipulação da propaganda, nos modelos importados, nos aparelhos utilitários domésticos, na chamada vida moderna; enfim, na aceitação de um a nova visão de mundo. Modifica-se até o interior das pessoas. (Apprato, 1995, p. 28).

Em “Oligarquias” o viés comunicacional que suscita maior atenção é o uso intensivo da imprensa como instrumento de poder ou como arma para neutralizar a ação política dos adversários. É o que o oligarca Euclides Malta não hesitou em usar para se fortalecer politicamente.

Para fazer frente às duras acusações da imprensa adversária, Euclides adquiriu equipamentos modernos e importados, para o jornal *A Tribuna* que passou a ser o mais bem dotado do estado. Por meio da máquina administrativa, ajudava os outros órgãos que adotavam uma linha de discreto apoio a seu grupo ou, no máximo, se mantinham equidistantes das críticas, e por outro lado dificultava a vida dos persistentes jornais de oposição. (Apprato, 1997, p. 98)

Finalmente, convém prestar atenção à advertência feita por Douglas Apprato, relativizando o fator comunicacional num processo extremamente complexo e multifacetado.

... o fenômeno oligárquico é mais complexo; não se restringe apenas a indivíduos ou a famílias que governam indefinidamente o Estado. É preciso também sentir as transformações por que passa uma sociedade que sai aos poucos do casulo agrário-isolacionista para uma tímida urbano-industrialização. Faz-se necessário conhecer mais amplamente a formação histórica de Alagoas e a evolução da nossa sociedade, desde os primórdios do período colonial, quando se consolidou a ocupação e a pro-

priedade da terra. É preciso ir mais além, percorrer a modernização da última metade do século XIX, com a revolução nos transportes ferroviários e na navegação e chegar até o advento da República.” (Apprato, 1997, p. 131)

Na sequência, vem o quadro histórico e político, completando a argumentação.

Igualmente não se pode esquecer Alagoas quer no período colonial, quer no monárquico ou republicano tipifica uma unidade periférica e dependente. É uma província que se mantém sobre uma base econômica fundada na agroindústria açucareira, latifundiária, secundada com os proprietários do sertão e, por algum tempo, com os plantadores de algodão e com a incipiente casta dos industriais. Estes setores tem controlado a vida política em todas as esferas. (Apprato, 1997, p. 131)

Dilema prospectivo

Analisar o itinerário de intelectuais produtivos e motivados, em plena ebulição, como é o caso de Douglas Apprato, é sempre temerário, pela sensação de incompletude que causa ao pesquisador. Durante o processo de interlocução para elaborar o presente texto, surpreendi-me com o aparecimento de novos dados que me induziam a acrescentar, corrigir, ampliar.

Só me restava uma saída. Terminar, confessando a frustração da impossibilidade de fazer prospecções, em se tratando de personagem em movimento. Exatamente pelo seu caráter inovador e pelo seu ímpeto realizador torna-se impossível concluir. O que fazer?

Havia decidido encerrar provisoriamente este ensaio, lançando um desafio aos jovens pesquisadores interessados em estudo desta natureza. Propor-lhes revisitar a trajetória intelectual e a fortuna acadêmica de Douglas Apprato para neles encontrar os sinais da alagoanidade que o diferenciam de muitos dos seus contemporâneos. Mas que o projetam ao mesmo tempo como legítimo herdeiro dos méritos de três alagoanos paradigmáticos: a inventividade de Dias Cabral, a persistência de Manuel Diegues Junior e a ousadia de Arnaldo Jambo.

Desta maneira, imaginava compreender a singularidade do seu estilo no conjunto da produção cultural alagoana, seguindo a pista indicada por Simone Caval-

cante (2005, p. 108), ou seja: a vocação que possui o pesquisador para conciliar o “rigor científico com a liberdade literária”.

Mas na última conversação que mantive com Douglas Apprato, apareceu uma luz no fim do túnel: ele me perguntou o que achara do livro produzido em co-autoria com Carmen Lúcia Dantas e Elysio de Oliveira Belchior. Tratava-se de *Cartofilia Alagoana* (Recife, Massangana, 2008). Prometi examinar melhor essa obra, cuja aparência ilustrada sugeria ser um álbum destinado a colecionadores. Todavia, depois de examiná-lo vagarosamente, percebi que Douglas, no capítulo de abertura da obra, “*Retorno ao passado e identificação, objetivo da História*”, trazia uma contribuição substantiva ao campo comunicacional, justamente reforçando aquela competência interdisciplinar sinalizada por Simone Cavalcante.

Apprato exercita sua “liberdade criativa” privilegiando um objeto pouco valorizado pelos pesquisadores sociais – o cartão postal – e demonstra “rigor científico” ao configurar um novo segmento no âmbito da História da Comunicação.

Na medida em que incorpora à historiografia brasileira uma nova mídia, o postal fotográfico, o autor dá um passo em sua trajetória científica. Sai do plano “adjetivo” para enveredar pela dimensão “substantiva”. Se nos três livros antes referidos ele situa a comunicação como variável “dependente” da História Econômica (Ferrovias), da História Política (Oligarquias) ou da História Cultural (Populismo), a *Cartofilia* irrompe como variável “independente” na História Comunicacional.

O mérito principal de Douglas Apprato, nessa incursão investigativa, é o de mapear as possibilidades analíticas do novo/velho objeto de estudo, tomando como referência a paisagem alagoana que domina com maestria. Explicitando a perspectiva “semiótica” (Uspenskiij) como método de trabalho, sua meta é fazer o “retorno ao passado” identificando o “processo histórico como um processo de comunicação”. Para tanto, recorre ao marco teórico firmado por Vicente Chermont, segundo o qual “a história é mais conhecida pelas imagens que pela escrita”. Remontando à segunda metade do século XIX, quando o cartão-postal se impõe como “privilegiado instrumento de comunicação” na Europa da Belle Époque, que corresponde, no Brasil, ao período da transição republicana, protagonizada por Marechais alagoanos, ele não hesita em situar a História da *Cartofilia*

como capítulo fronteiro da História da Fotografia e da História da Imprensa, tomando como fontes paradigmáticas os estudos precedentes de Luiz Lavenère e Moacir Medeiros de Santana.

Antes de advertir os pesquisadores sobre a natureza do cartão postal como uma novidade importada de além mar, mas que vai “ser misturada com o sabor das coisas tropicais”, Douglas Apprato reafirma sua efusiva “alagoanidade”. Anota que o “historiador é um investigador atento, interessado e persistente”, mas também um “coleccionador” que tem o poder de seduzir a “geração atual” e as “futuras” para um “mergulho fascinante no passado”. E assim justifica sua predileção pelos ‘cartões-postais de Penedo, Viçosa, São Miguel, Rio Largo, e, claro, da capital, Maceió”.

Obra principal

Apprato, Douglas

1997 – A metamorfose das oligarquias, Curitiba, HD Livros

1995 – A tragédia do populismo, Maceió, Edufal

1086 – Discursos de posse, Maceió, AAL

1985 – O desafio de fazer, Maceió, Secretaria da Educação

1984 - Tempo, cultura e história, Maceió, IHGAL

1979 – Capitalismo e ferrovias no Brasil, Maceió, Edufal, 2ª. Ed. Curitiba, HD Livros

1977 - A imprensa alagoana no ocaso do império, Recife, UFPE

1975 – Capítulos da História do Brasil, Maceió, AAL

1967 – Capítulos da História Contemporânea, Maceió, Imprensa Oficial

Apprato, Douglas e Almeida, Leda

2001 – A História de Alagoas em quadrinhos, Maceió, Catavento

2003 – O que é Maceió, Maceió, Catavento

Apprato, Douglas e Dantas, Carmen Lucia

2008 – Cartofilia Alagoana, Recife, Massangana

2007 – A Casa das Alagoas, Maceió, EdUFAL

2010 – São Francisco, um ninho de culturas, Maceió, EDUFAL

Apprato, Douglas; Almeida, Leda & Dantas, Carmen Lúcia

2006 – Arte Sacra de Alagoas, Brasília, Edições do Senado Federal

Apprato, Douglas; Dantas, Carmen Lúcia & Baradel, Alex

2010 – Alagoas de Pierre Verger, Maceió, Cesmac – CHESF

1998 – Memórias Legislativas, Maceió, Gazeta de Alagoas

Apprato, Douglas, ed.

2001 – Memória cultural de Alagoas, Maceió, Gazeta de Alagoas

1999 – Memórias Legislativas, Maceió, Gazeta de Alagoas

Referências

Barros, Francisco Reinaldo Amorim

2005 – ABC de Alagoas, Brasília, Edições do Senado Federal

Beltrão, Luiz

2006 – Teoria e Prática do Jornalismo, Adamantina, FAI Cavalcante, Simone

2005 – Literatura em Alagoas, Maceió, Scortecci e Grafmarques

Marques de Melo, José

2003 – Pensamento Comunicacional Alagoano, Maceió, Edufal

Morin, Violette

1961 – Une analyse de presse, Communicaions 1:81-107, Paris, Seuil

Pasquali, Antonio

1978 – Comprender la comunicaci3n, Caracas, Monte Ávila

Recebimento: 03/02/2012

Aprovaç3o: 10/03/2012